

**CENTRO PRESBITERIANO DE PÓS-GRADUAÇÃO
ANDREW JUMPER
TEOLOGIA EXEGÉTICA DO NOVO TESTAMENTO**

**MAURO FILGUEIRAS FILHO
A UNIÃO MÍSTICA EM CALVINO**

**SÃO PAULO
2004**

MAURO FILGUEIRAS FILHO

A UNIÃO MÍSTICA EM CALVINO

Monografia apresentada ao Centro Presbiteriano de Pós Graduação Andrew Jumper como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Teologia Exegética do Novo Testamento.

Professor: Rev. João Alves dos Santos

**SÃO PAULO
2004**

ÍNDICE

<u>INTRODUÇÃO</u>	<u>4</u>
<u>1. ACEITAÇÃO DA PARTE DO PAI</u>	<u>5</u>
<u>2. A UNIÃO NA REDENÇÃO</u>	<u>10</u>
2.1. NA ELEIÇÃO	10
2.2. JUSTIFICAÇÃO	10
2.3. SANTIFICAÇÃO	13
<u>3. CRESCIMENTO E EDIFICAÇÃO</u>	<u>18</u>
3.1. A VIDA ECLESIASTICA	18
<u>4. OS SACRAMENTOS</u>	<u>22</u>
4.1. O BATISMO	22
4.2. A SANTA CEIA	23
<u>5. ESPERANÇA NA UNIÃO MÍSTICA</u>	<u>26</u>
<u>6. A NOVA VIDA</u>	<u>28</u>
<u>CONCLUSÃO</u>	<u>30</u>

Introdução

Este trabalho se propõe a expor resumidamente o pensamento de João Calvino sobre a união de Jesus Cristo com a Igreja. Por base nesse tema pode-se compreender mais nitidamente a doutrina soteriológica do reformador, pois ele enraíza toda a sua teologia de maneira intrínseca na Pessoa e na obra de Cristo. É notável que não se compreende o que Calvino entende sobre a salvação sem levar em consideração a perspectiva da união mística.

Este tema torna lúcido não somente a doutrina da salvação como também o pensamento bíblico ético e moral, visto que a preocupação de Calvino é provar que em toda e qualquer atividade, pensamento, comportamento ou palavra do crente, ele deve manter a sua identidade e identificação com Cristo. Essa tese pode ser avaliada com muito mais profundidade e pesquisa no trabalho do Dr. Ronald S. Wallace, *Calvin's Doctrine of the Christian Life*, que coloca em todo o seu trabalho, a união mística como pensamento central.

Este trabalho tem a pretensão de apresentar apenas um esboço do tema em suas relações com outras doutrinas, como eleição, justificação e santificação, e também sua relação com a vida e a experiência cristã no mundo e na Igreja. Portanto, talvez este trabalho sirva como um guia para entrar em tão profundo oceano do pensamento de Calvino, que nos auxilia e nos edifica na compreensão daquilo que Deus nos ensina em sua palavra.

1. Aceitação da parte do Pai

A união mística de Cristo com a igreja é o fundamento da real e genuína comunhão com Deus. O princípio dessa união está em recebermos os dons de Cristo, o que nos torna aceitáveis na presença de Deus. Este é o único meio de comunicação com Deus. Nas palavras de João Calvino: “Portanto, para que nos transfira os benefícios que ele recebeu do Pai, é necessário que Ele se faça nosso e habite em nós”.¹ O único meio de Deus nos olhar piedosamente é tendo Cristo à nossa frente. François Wendel, um estudioso da vida e obra de Calvino, mostra que Cristo nos comunica os seus benefícios fazendo-se nosso e fazendo-nos sua propriedade.² Assim os seus dons são comunicados a nós.

“Portanto, a íntima ligação da Cabeça e membros, a habitação de Cristo em nosso coração - a união mística - estão em harmonia conosco em elevado grau de importância; assim, pois, Cristo, tendo sido feito nosso, torna-nos participantes com ele nos dons, nos quais ele está dotado”.³

Somente por meio do corpo humano de Cristo o homem poderia tornar-se participante de sua vitória, “Pois foi necessário que o Filho de Deus se tornasse homem, e ser um participante de nossa carne, para que pudesse ser o nosso irmão: foi necessário que, pela morte, ele se tornasse um sacrifício, para que fizesse com que seu Pai fosse propício a nós”.⁴

¹ Juan Calvino, *Intitución de la Religión Cristiana*, Países Bajos, Fundación Editorial De Literatura Reformada, 1968, 3.1.1.

² Ver François Wendel, *Calvin: Origins and Development of His Religious Thought*, Grand Rapids, Baker Books, 1997, pp. 234-235.

³ John Calvin, *Institutes of the Christian Religion* vol. 3, Translated by Ford Lewis Battles, 3.11.10, *John Calvin's Commentaries*, [CD-ROM], (Ages Software, 2002).

⁴ John Calvin, *Commentary on the Epistle to the Colossians*, *John Calvin's Commentaries*, (1.22).

Calvino ensina a mesma coisa, ao mostrar que a identificação de Cristo conosco, nos trouxe a cura às nossas profundas enfermidades. Em seu comentário da carta aos Hebreus ele diz:

“O apóstolo, pois, ensina que ele [Cristo] se vestiu não só da própria carne humana, mas também de todas as afeições que são inerentes ao homem. Ele mostra também os frutos que nos advêm daí e qual o legítimo ensino da fé, quando sentimos em nós próprios porque (*sic!*) o Filho de Deus tomou sobre si nossas enfermidades. Sem tais frutos, todo o nosso conhecimento seria frio e morto. Ele prossegue ensinando que Cristo se fez sujeito às nossas paixões humanas ‘para que pudesse ser misericordioso e fiel sumo sacerdote’”.⁵

Esse era o único meio de sermos socorridos e libertados:

“O Filho de Deus não tinha necessidade de passar por alguma experiência a fim de conhecer pessoalmente a emoção da misericórdia. Entretanto, ele jamais nos teria persuadido de sua bondade e prontidão em socorrer-nos, não fosse ele provado pelos nossos próprios infortúnios. E tudo isso ele nos concedeu como favor”.⁶

Calvino aproveita esse ensino para trazer consolo aos crentes:

“Portanto, quando toda sorte de males nos sobrevém, que isso nos sirva de imediata consolação, a saber: que nada nos sobrevém sem que o Filho de Deus já tenha experimentado em si próprio, para que pudesse ser-nos solidário. Nem duvidemos de que ele está conosco como se ele mesmo sofresse a nossa dor”.⁷

A união com Cristo nos assegura partilhar de todas as suas bênçãos, é assim que Calvino compreende a união do Filho com o Pai e conosco:

“Para compreender corretamente a intenção do que foi dito, que Cristo e o Pai são *um*, devemos tomar cuidado para não privar Cristo de seu ofício de Mediador; precisamos vê-lo como o Cabeça da Igreja, unido com seus membros. Assim, a linha de pensamento será preservada, para impedir que a união do Filho com o Pai seja infrutífera e inválida, o poder desta união deve ser difundido através de todo o corpo

⁵ João Calvino, *Hebreus*, São Paulo, Paracletos, 1997, (2.17), p. 77.

⁶ *Ibid.*, p. 78.

⁷ *Ibid.*

dos fiéis. Conseqüentemente, também deduzimos que somos um com o Filho de Deus; não porque ele comunica sua substância em nós, mas porque, pelo poder do seu Espírito, ele nos dá sua vida e todas as bênçãos conforme recebidas do Pai”.⁸

Paulo também escreve aos gálatas, em 3.27, asseverando a união que tinham com Cristo, o que os isentava de buscar conquistar mérito da parte de Deus por meio da obediência à lei. Cristo cancelou toda e qualquer dívida e transferiu sua obediência aos eleitos, isentando-os de percorrerem o duro e insuperável caminho da justificação. “O apóstolo, pois, explica resumidamente a natureza de nossa união, (*sic!*) ou melhor, nossa unificação com o Filho de Deus, para que não alimentemos dúvida de que o que pertence a ele nos é comunicado”.⁹ Segundo François Wendel, o Filho de Deus “nos comunica sua vida, e todos os benefícios que ele tem recebido do Pai”.¹⁰

Deus olha os fiéis com amor e misericórdia porque ele os vê *através* de Jesus, pois “eles foram unidos a Cristo de maneira tal que, aos olhos de Deus, levaram o *nome* e a *pessoa* de Cristo, e eram vistos nele antes que fossem vistos em si próprios”.¹¹ O texto de Romanos 8.29 apresenta essa perspectiva fraternal, colocando Cristo em foco, onde Paulo afirma que Cristo é o “primogênito dentre os mortos”: Nele, toda a igreja vive e respira essa atmosfera de graça:

“Portanto, o Pai celestial, a fim de mostrar, por todos os meios, a autoridade e a excelência que conferiu a seu Filho, deseja que todos aqueles a quem adota como herdeiros de seu reino vivam de conformidade com o seu exemplo. Embora a condição dos santos difira na aparência (assim como há diferença entre os membros do corpo humano), todavia há certa conexão entre cada indivíduo e sua cabeça. Como, pois, o primogênito leva o nome da família, assim Cristo é colocado numa

⁸ John Calvin, Commentary on the Gospel According to John, *John Calvin's Commentaries*, (17.21).

⁹ João Calvino, *Gálatas*, São Paulo, Paracletos, 1998, (3.27), p. 114.

¹⁰ François Wendel, Calvin: Origins and Development of His Religious Thought, p. 238. E Inst. 1.15.5; 3.2.5.

¹¹ João Calvino, *Gálatas*, p. 114.

posição de preeminência, não só para que sua honra seja enaltecida entre os crentes, mas também para que ele inclua todos os crentes em seu seio sob o selo comum de fraternidade”.¹²

Caracterizando a ética desse ensino, para François Wendel essa união, de acordo com Calvino, não é feita somente com a alma, “Essa união espiritual se estende a todo o homem, corpo e alma”.¹³ Calvino trata assim para expor o pensamento de Paulo em 1Coríntios 6.15, onde se condena qualquer espécie de abuso do corpo em pecado ou luxúria:

“É preciso que notemos bem que a união espiritual que temos com Cristo não é uma questão só de alma, mas igualmente do corpo, de modo que somos carne de sua carne etc. (Ef 5.30). A esperança da ressurreição seria muito débil, se a nossa união com ele não fosse tão sólida e plenária”.¹⁴

Por meio da união mística “somos feitos participantes na vida e espírito do Senhor”.¹⁵ Essa união, segundo Calvino, deve ser tratada como uma realidade viva latente em todos os aspectos da vida cristã, conforme ele declarou num dos seus sermões da Paixão, pedindo a Deus que Cristo “habite em nós, não em imaginação, mas em efeito; não em um plano terreno, mas espiritual”.¹⁶

Esse privilégio não é compartilhado por todos porque o pecado cegou o entendimento dos homens. O evangelho faz o convite ao pecador, contudo ele, por natureza, o rejeita. “É verdade que a Palavra do Evangelho nos chama a todos a

¹² João Calvino, *Romanos*, São Paulo, Parakletos, 2001, (8.29), p. 307.

¹³ François Wendel, *Calvin: Origins and Development of His Religious Thought*, p. 235.

¹⁴ João Calvino, *1Coríntios*, São Paulo, Parakletos, 1996, (6.15), p. 189.

¹⁵ François Wendel, *Calvin: Origins and Development of His Religious Thought*, p. 238.

¹⁶ Citado por François Wendel, *Calvin: Origins and Development of His Religious Thought*, p. 235.

participarmos em Cristo; mas um grande número de pessoas, cegas e endurecidas pela incredulidade, despreza esta graça ímpar”.¹⁷

¹⁷ João Calvino, *Instrução na Fé*, Goiânia, Logos, 2003, p. 35.

2. A União na Redenção

Calvino ensina que o conhecimento de Cristo só era possível pela experiência da nova vida, quando o pecador é encontrado e admitido à comunhão com Cristo. essa é a obra da salvação:

“Cristo, entretanto, é corretamente conhecido, quando nós experimentamos quão poderosos são a sua morte e ressurreição, e quão eficaz eles são em nós. Assim, todas as coisas nos são comunicadas - expiação e destruição do pecado, libertação da condenação, satisfação, vitória sobre a morte, a obtenção da justificação, e a esperança da bendita imortalidade”.¹⁸

Na eleição

Somos eleitos em Cristo porque nada em nós é digno de ser bem visto pelos santos olhos de Deus. Conforme João Calvino,

“Cristo é para nós uma espécie de espelho em quem devemos contemplar nossa eleição... Porque sendo ele aquele em cujo corpo o Pai determinou enxertar aqueles a quem, desde a eternidade, quis que sejam seus, de forma que tenha como filhos a todos quanto reconhece como membros dele próprio, temos, então, uma prova suficientemente nítida de que estamos inscritos no livro da vida, se estamos em comunhão com Cristo”.¹⁹

Justificação

Justificação só pode ser compreendida a partir da cruz. Calvino evidencia sua total convicção de que todos os benefícios que recebemos de Deus provém única e exclusivamente do sacrifício expiatório de Jesus:

¹⁸ John Calvin, Commentary on the Epistle to the Phillipians, (3.10), *John Calvin's Commentaries*.

“Enxertados na morte de Cristo, extraímos uma energia secreta dela, como os brotos [extraem vida] das raízes. Também Cristo cravou [em sua cruz] o manuscrito da lei, o qual nos era contrário. Portanto, sendo crucificados com ele, somos eximidos de toda a maldição e culpa [provenientes] da lei. Atacar e descartar esse livramento é fazer a cruz de Cristo algo vazio e fútil. Lembremo-nos, porém, que somos libertados do jugo da lei somente quando somos feitos um com Cristo, como os brotos extraem das raízes sua seiva somente pelo desenvolvimento de uma só natureza”.²⁰

Somente em Cristo existe total segurança de justificação. Conforme as palavras de um dos maiores estudiosos contemporâneos de Calvino dos dias de hoje, Dr. Ronald S. Wallace, “Cristo justifica-nos não apenas por ser ele Deus, mas por ser ele homem, pois em nossa carne obteve justiça para nós”.²¹ Assim, ao mesmo tempo em que “estamos pregados na cruz juntamente com Cristo, ele acrescenta que tal fato nos faz vivos”.²²

“Cristo, assim, nos faz participantes nele a fim de que nós, pecadores em nós mesmos, possamos ser, através da justiça de Cristo, considerados justos diante do trono de Deus. E, desta maneira, sendo despojados da nossa própria justiça, somos vestidos com a justiça de Cristo e, sendo injustos por nossas próprias obras, somos justificados através da fé em Cristo... porque a justiça de Cristo nos é creditada inteiramente como se fosse realmente nossa, enquanto que a nossa iniquidade não nos é imputada”.²³

Essa justiça nos promove a vida, a qual Cristo desenvolve em nós, conforme expõe Calvino:

“Cristo vive em nós de duas formas. Uma consiste em ele nos governar por meio de seu Espírito e em dirigir todas as nossas ações. A outra consiste naquilo que ele nos concede pela participação em sua justiça, ou seja, que, embora nada possamos fazer por nós mesmos, somos aceitos por Deus, nele [Cristo]”.²⁴

¹⁹ Inst. 3.24.5.

²⁰ João Calvino, *Gálatas*, (2.19), p. 75.

²¹ Ronald S. Wallace, *Calvino, Genebra e a Reforma*, São Paulo, CEP, 2003, p. 200.

²² João Calvino, *Gálatas*, (2.19), p. 75.

²³ João Calvino, *Instrução na Fé*, pp. 39-40.

²⁴ João Calvino, *Gálatas*, (2.19), p. 75.

Nas Institutas Calvino acrescenta a fé, mostrando que a justificação “é encerrada somente na graça de Deus, somente na comunhão com Cristo e, portanto, somente na fé”.²⁵ Por meio da fé adquirimos essas bênçãos, “a fé nos faz partícipes de tudo o que ela encontra em Cristo”.²⁶ Segundo ele, Cristo ensina que “nós somos enraizados nele pela fé”.²⁷ E em outro lugar diz que “o vínculo de nossa união com Cristo é a fé”.²⁸

Desse modo entramos na presença de Deus de consciência limpa, pois, “o pecador, recebido na comunhão com Cristo, é reconciliado com Deus pela sua graça, enquanto é purificado pelo sangue de Cristo, ele obtém o cancelamento dos pecados, e é revestido com a justiça de Cristo como se esta fosse a sua própria e, desse modo, permanece seguro diante do julgamento celestial”.²⁹

Para isso, era necessário a identificação de Cristo conosco. A obra da justificação aplicada nos eleitos pode ser tratada por “assumir” e “transferir”. Cristo sujeitou-se a isso para que “tendo recebido em si mesmo a nossa pobreza, transferisse sua riqueza para nós; tendo assumido a nossa fraqueza, confirmasse-nos pelo seu poder; tendo aceitado a nossa mortalidade, nos desse a sua imortalidade; e tendo descido à terra, nos elevasse aos céus”.³⁰ Wallace desenvolve esse ponto mostrando que Cristo se

²⁵ John Calvin, *Institutes of the Christian Religion*, vol. 3, 3.15.1.

²⁶ João Calvino, *Gálatas*, (2.19), p. 77.

²⁷ John Calvin, *Commentary on the Gospel According to John*, (15.7), *John Calvin's Commentaries*.

²⁸ John Calvin, *The Best Method of Obtaining Concord, Provided the Truth Be Sought without Contention*, *John Calvin's Commentaries*, p. 523.

²⁹ John Calvin, *Institutes of the Christian Religion*, vol. 3, 3.17.8.

“encarnou, de fato, para que pudesse ser capaz de receber de nós aquilo que a nós pertence e transferir a nós o que pertence a ele... Ao receber nossa mortalidade, conferiu sua imortalidade a nós. Ao tomar nossas fraquezas, fortaleceu-nos com seu poder. Ao submeter-se a nossa pobreza, transferiu sua riqueza a nós. Ao tomar sobre si o fardo de impureza com o qual éramos oprimidos, revestiu-nos de sua justiça”.³¹

Santificação

A santificação é a absorção de Cristo em nós. Calvino tratou isso de maneira integral, isto é, atingindo todas as áreas da existência humana. Segundo Wallace, “Segue-se que nossa participação na santificação de Cristo depende de nossa união com a natureza humana de Cristo”. E citando o sermão de Calvino em Atos 2.1-4, diz que “Cristo ‘Se faz presente a nós e convida-nos a um relacionamento verdadeiro, para que assim sejamos unidos a Ele, de tal modo que Ele habite em nós para que todas as coisas que Lhe pertencem sejam nossas”.³²

Cristo nos justifica para que sejamos santos, pois “ele não nos veste com a participação de sua justiça a fim de que profanemos tão grande graça com novas manchas, mas para que, sendo adotados como filhos de Deus, possamos consagrar o curso da nossa vida e dias por vir para a glória de nosso Pai”.³³ Segundo Wendel, “Essa união com Cristo é condição indispensável para o nosso acesso à vida espiritual”.³⁴

³⁰ João Calvino, *Instrução na Fé*, p. 47.

³¹ Ronald S. Wallace, *Calvino, Genebra e a Reforma*, pp. 200-201. Mais à frente é dito: “A sugestão é que Cristo, por meio de sua união orgânica com a raça humana e sua compaixão pelos indivíduos ao seu redor, foi capaz de absorver na sua própria mente, no seu coração e na sua pessoa algo do sofrimento interior e da culpa daqueles ao seu redor e de substituir com amor e força desprendidos o que ele tomou deles”, p. 202.

³² Ronald S. Wallace, *Calvin’s Doctrine of the Christian Life*, West Broadway - Eugene, Wipf and Stock Publishers, 1997, p. 17.

³³ João Calvino, *Instrução na Fé*, p. 42.

³⁴ François Wendel, *Calvin: Origins and Development of His Religious Thought*, p. 238.

Conforme Wallace, a união com Cristo “é a fonte de nossa justificação e santificação”.³⁵ Portanto, “Nossa santificação é, assim, o cumprimento da presença de Cristo em nós”.³⁶ Não existe santificação a parte dele, pois fora dele o homem é uma árvore má sem frutos bons para apresentar a Deus, como Calvino coloca nas Institutas.³⁷ Deus deseja que todos os seus filhos sejam santos tal como ele o é, “então, o Espírito de Deus no limpa pela santidade de Cristo e nos faz participantes dela”.³⁸

A necessidade de Cristo para a nossa santificação é ininterrupta, pois o pecado constantemente nos aflige, portanto, “sempre precisamos de Cristo para que sua perfeição possa cobrir nossa imperfeição, sua pureza lavar nossa impureza, sua obediência apagar nossa iniquidade e, finalmente, sua justiça possa graciosamente nos conceder o crédito da justiça”.³⁹ Calvino, parafraseando o apóstolo Paulo estimula ao crescimento, afinal a santificação é obra de Deus e do esforço dos santos também: “De fato, debes progredir diariamente na mortificação de tua carne, a qual já teve início em ti, até que o pecado seja de vez erradicado”.⁴⁰

Só apresentamos real justificação por meio da novidade de vida. Calvino, em seu comentário da carta aos Romanos, no capítulo 6, começa dizendo: “Ao longo deste capítulo, o apóstolo defende a tese de que aqueles que imaginam que Cristo nos comunica a justificação gratuita, sem comunicar igualmente a novidade de vida,

³⁵ Ronald S. Wallace, *Calvin's Doctrine of the Christian Life*, p. 17.

³⁶ *Ibid.*, p. 25.

³⁷ John Calvin, *Institutes of the Christian Religion*, vol. 3, 3.14.4.

³⁸ John Calvin, *Commentary on the Gospel According to John*, (17.19), *John Calvin's Commentaries*.

³⁹ João Calvino, *Instrução na Fé*, p. 44.

⁴⁰ João Calvino, *Romanos*, (6.11), p. 219.

dilaceram ignominiosamente a Cristo”.⁴¹ O mesmo princípio se aplica à regeneração, que Calvino usa como sinônimo de “conversão” e “arrependimento”.⁴² No mesmo comentário ele diz:

“A verdade, ao contrário disto, reside no fato de que os crentes nunca são reconciliados com Deus sem que recebam antes o dom da regeneração. Deveras, somos justificados com este mesmo propósito, a saber: que em seguida adoremos a Deus em pureza de vida. Cristo nos lava com o seu sangue e faz Deus propício para conosco através de sua expiação, fazendo-nos participantes de seu Espírito, o qual nos renova para um viver santo”.⁴³

A santificação também se evidencia nas boas obras, que só podem ser executadas em Cristo, pois é pela sua habitação no crente que as obras são recebidas pelo Pai: “Finalmente, devemos assim afirmar que a companhia de Jesus tem valor tal que, por causa dela, não somos apenas recebidos livremente como justos, mas nossas obras são consideradas justas e recompensadas com um prêmio eterno”.⁴⁴

Um elemento importante da santificação é a *mortificação* da carne. Ao passo em que crescemos em santidade, progressivamente o velho homem é abandonado. Paulo exemplificou aos coríntios (2Co 4.7-12) o estado temporário desta vida de sofrimento com a sua própria experiência. Em suas jornadas, o apóstolo submeteu-se aos mais severos sofrimentos. Calvino usa dessa auto-descrição de Paulo para ensinar a distância que a igreja deve ter do mundo em seus conceitos e corrupções, ao mesmo tempo em que ela se sente honrada em ser participante com Cristo nos sofrimentos:

⁴¹ Ibid., p. 208.

⁴² Ver Ronald S. Wallace, *Calvin's Doctrine of the Christian Life*, p. 94.

⁴³ João Calvino, *Romanos*, (6.2), p. 209.

“Pois ele [Paulo] chama todas essas coisas que suscitam o escárnio do mundo contra ele de ‘morrer’ ou ‘mortificação’ de Jesus Cristo, por meio do quê ele se preparava para participar de sua bendita ressurreição. Em primeiro lugar, o sofrimento de Cristo, não obstante ser ignominioso aos olhos dos homens, possui mais honra com Deus do que todos os triunfos dos generais e de todos os faustos dos reis. Mas devemos igualmente atentar para os resultados finais, ou seja, que sofreremos com ele a fim de sermos glorificados com ele... Ao mesmo tempo, ele adverte os coríntios da possibilidade de seu escárnio contra a pobreza e abjeta aparência dele (Paulo) os levar a insultar a Cristo, dirigindo as ofensas aos seus sofrimentos, os quais devemos ter na mais elevada honra”.⁴⁵

Há grande diferença, portanto, entre o sofrimento do fiel e do ímpio:

“O sofrimento é chamado de *mortificação de Cristo* somente em relação aos crentes, pois quando os ímpios enfrentam as aflições desta presente vida, a sua comunhão é com Adão, ao passo que os eleitos têm participação no Filho de Deus, de modo que todas as misérias que se acham em sua própria natureza maldita se fazem proveitosas à sua salvação”.⁴⁶

O sofrimento dos crentes deve ser visto positivamente porque “Todos os filhos de Deus têm isto em comum – que levem sobre si o morrer de Cristo; porém, quanto mais alguém exceda a outrem em alcançar maior medida de seus dons, mais perto fica em sua semelhança com Cristo”.⁴⁷ A vida de Jesus passa a ser do seu povo:

“A cura mais eficiente para a adversidade é sabermos que assim como a morte de Cristo foi a porta da nova vida, também no final de tudo, nossas misérias terminarão na bendita ressurreição, porque Cristo nos uniu a si mesmo na condição de que, se nos submetemos a morrer com ele neste mundo, então participaremos de sua vida”.⁴⁸

Esse é o ensino apostólico: “Paulo faz referência à cruz a fim de mostrar mais distintamente que a única *fonte* de nossa mortificação é nossa participação na morte de Cristo”.⁴⁹ Só podemos nos considerar vivos assim, “Porque, assim como a alma

⁴⁴ João Calvino, *Instrução na Fé*, p. 44.

⁴⁵ João Calvino, *2Coríntios*, São Paulo, Paracletos, 1995, (4.10), pp. 93.94.

⁴⁶ *Ibid.*, p. 94.

⁴⁷ *Ibid.*

⁴⁸ *Ibid.*

⁴⁹ João Calvino, *Romanos*, (6.6), p. 214.

energiza o corpo, também Cristo comunica vida a seus membros. Eis uma notável afirmação, ou seja, que os crentes vivem fora de si mesmos [*fideles extra se vivere*], isto é, em Cristo”.⁵⁰

A Providência se evidencia também nas aflições, as quais Deus faz uso para o robustecimento da fé dos fiéis, para que Cristo se evidencie ainda mais neles:

“As aflições, portanto, não devem ser um motivo para nos sentirmos entristecidos, amargurados ou sobrecarregados, a menos que também reprovemos a eleição do Senhor, pela qual fomos predestinados para a vida, e vivamos resolutamente em levar em nosso ser a imagem do Filho de Deus, por meio da qual somos preparados para a glória celestial.”⁵¹

Essa imagem de Cristo em nós é o alvo máximo da vida cristã, e o crente deve se consagrar em buscá-la, o que envolve abnegação:

“O apóstolo quer dizer simplesmente que Deus determinara que todos quantos adotassem levariam a imagem de Cristo. Não diz simplesmente que deveriam ser conformados a Cristo, e, sim, à *imagem de Cristo*, com o fim de ensinar-nos que em Cristo há um vivo e nítido exemplo que é posto diante dos filhos de Deus para que imitem... Ninguém pode ser herdeiro do reino celestial sem que antes seja conformado ao Filho Unigênito de Deus”.⁵²

⁵⁰ João Calvino, *Gálatas*, (2.19), p. 75.

⁵¹ João Calvino, *Romanos*, (8.29), p. 305.

⁵² *Ibid.*, p. 306.

3. Crescimento e edificação

O crescimento da vida cristã depende da compreensão que se tem de tudo o que Deus faz com seus filhos. A ética e o comportamento correto evidenciam o grau de intimidade que o crente tem com Cristo. Cristo “nos ensina que o princípio de uma vida abençoada está em que todos nós sejamos governados e vivamos tão somente pelo poder do Espírito de Cristo”.⁵³

Segundo Wallace “Para Calvino, portanto, verdadeira mansidão, contentamento e paciência não são virtudes que podem ser cultivadas pela decisão e disciplina humanas, mas o fruto da união com Cristo conduzindo à cruz, o efeito da graça de Deus e a alegre submissão e rendição à Sua vontade”.⁵⁴

O homem sem Cristo não tem o que apresentar de virtuoso. Em seu comentário do evangelho de João, no capítulo 15, ele diz que “O significado geral desta comparação é que nós somos por natureza, infrutíferos e secos, exceto se estamos enxertados em Cristo e extraímos dele um novo poder, o qual não procede de nós mesmos”.⁵⁵

A Vida Eclesiástica

O trabalho pastoral revelará sua eficácia e fidelidade quando promover e tornar manifesta a união da igreja com Cristo, conforme Wallace: “Como a igreja está

⁵³ John Calvin, Commentary on the Gospel According to John, (17.21), *John Calvin's Commentaries*.

⁵⁴ Ronald S. Wallace, Calvin's Doctrine of the Christian Life, p. 190.

reunida ao seu redor, o pastor é um sinal da unidade da Igreja em sua relação com Cristo. Portanto, seu ministério é o ‘tendão mais importante por meio do qual os crentes são juntados num único corpo’.⁵⁶

Em suas *Institutas*, expondo Efésios 4.4-16, Calvino ressalta diretrizes básicas para a edificação dos fiéis a partir do ministério pastoral, como o meio ordenado por Deus para manter sua vontade entre o seu povo:

“Aqui está como se realiza a restauração dos santos. Aqui vemos como o corpo de Cristo é edificado; como são unidos uns aos outros; como são conduzidos à união com Cristo: quando a profecia tem lugar entre nós, quando recebemos os apóstolos, quando não depreciamos a doutrina que nos é apresentada”.⁵⁷

A união à igreja é vital para a subsistência da vida cristã, porque somente nela Cristo está ligado. Calvino cita Cipriano para expressar essa realidade:

“da mesma maneira como há muitos raios do sol, mas apenas uma luz, muitos galhos de uma árvore, mas apenas um tronco, sustentado por sua firme raiz: e quando muitos riachos fluem de uma fonte, ainda que por causa da superabundância pareça haver uma divisão em partes, a unidade é preservada na fonte”.⁵⁸

Nas *Institutas* afirma que “os santos tem garantia na comunhão de Cristo sob o princípio de que qualquer benefício conferido por Deus seja comunicado uns com os outros”.⁵⁹

⁵⁵ John Calvin, Commentary on the Gospel According to John, (15.1), *John Calvin's Commentaries*.

⁵⁶ Ronald S. Wallace, *Calvino, Genebra e a Reforma*, p. 122.

⁵⁷ Inst., 4.3.2.

⁵⁸ Cipriano, *On the Unity of the Catholic Church*, livro v.; Apud: Ronald S. Wallace, *Calvino, Genebra e a Reforma*, p. 127 e *Institutas* 4.2.6.

⁵⁹ John Calvin, *Institutes of the Christian Religion*, 4.1.3.

O crente tem todas as condições para viver confiantemente, uma vez que ele participa do corpo de Cristo, uma vez que sua maior segurança se fundamenta no fato de seu nome estar gravado nos céus:

“Pois, estando em seu corpo aqueles a quem o Pai tem destinado enxertar, aqueles a quem ele quis, desde a eternidade, serem seus próprios, que ele considerou como filhos todos a quem ele conheceu para estarem entre seus membros, assim, temos nós suficientemente claro e firme um testemunho, de que nós estamos escritos no livro da vida (cf. Ap 21.27), se nós realmente estamos em comunhão com Cristo”.⁶⁰

Semelhantemente ele confessa em suas obras:

“Além disso, que Cristo se manifeste a nós e produza estes efeitos em nós, que ele se faça um conosco, e, assim, que sejamos enxertados em seu corpo. Ele não infunde sua vida em nós a menos que ele seja o nosso cabeça, e de todo o seu corpo, modelando a união através de toda junta solidificada, conforme sua obra, faça aumentar o seu corpo em proporção a cada membro”.⁶¹

Em seu Catecismo de Genebra, Calvino apresenta a união com Cristo em termos de irmandade, questão 47:

“Mestre: Entendeis vós que esta dignidade é sua própria e naturalmente lhe pertence, pelo que a nós nos é comunicada por graça, enquanto somos seus membros?
Resposta: Sim. E por esta causa, com respeito a esta comunhão, é algumas vezes chamado Primogênito entre muitos irmãos (Rm 8.29; Cl 1.15)”.⁶²

Essa realidade cristã torna-se mais clara na comparação feita com o matrimônio. Segundo o Dr. Wallace: “Na verdade, a união pela qual nos junta a ele quando nos recebe no seio da Igreja é como aquela do matrimônio santo, porque é

⁶⁰ Ibid., 3.24.5.

⁶¹ John Calvin, *Selected Works of Calvin, Mutual Consent in Regard to the Sacraments, John Calvin's Commentaries*, p. 201.

⁶² Juan Calvino, *Catecismos de la Iglesia Reformada: Catecismo de la Iglesia de Ginebra*, Buenos Aires, La Aurora, p. 38.

fundado em fidelidade mútua”.⁶³ E é essa união que os crentes devem ter como modelo para o seu próprio matrimônio. “No casamento há uma semelhança do relacionamento e união entre Cristo e Sua Igreja. O amor de Cristo pela Igreja é o verdadeiro exemplo para o casamento humano”.⁶⁴

⁶³ Ronald S. Wallace, *Calvino, Genebra e a Reforma*, p. 207.

⁶⁴ Ronald S. Wallace, *Calvin's Doctrine of the Christian Life*, p. 162.

4. Os Sacramentos

O Batismo

Para o ingresso à comunhão no povo de Deus, é necessário submeter-se à prescrição neo-testamentária do batismo, porque ele é o sinal de nossa iniciação na “união secreta, por meio da qual crescemos unidos a ele, de tal forma que nos revitaliza pela instrumentalidade de seu Espírito e transfere para nós o seu poder”.⁶⁵ Wallace interpreta que o batismo nos une a Cristo, uma vez que somos “enxertados de uma vez por todas no corpo de Cristo ou, implantados em Cristo”.⁶⁶

O batismo é a porta de entrada na Igreja. “Mas como o batismo é um solene reconhecimento por como Deus introduz seus filhos na possessão da vida, um verdadeiro e efetivo selo da promessa, um penhor da sagrada união com Cristo, é justo dizer ser ele a entrada e recepção na Igreja”.⁶⁷ Calvino insistia que a união com Cristo não é algo puramente interno, mas se reflete também às vistas:

“Pois estamos em comunhão com Cristo na esperança da bendita ressurreição e, entretanto, devemos ser um com ele não na alma somente, mas na carne; no que se refere a cada um de nós, com respeito à carne, é dito sermos membros de Cristo, e o corpo de cada um, templo do Espírito Santo”.⁶⁸

⁶⁵ João Calvino, *Romanos*, (6.5), p. 213.

⁶⁶ Ronald S. Wallace, *Calvin's Doctrine of the Christian Life*, p. 19.

⁶⁷ John Calvin, *Selected Works of Calvin, Second Defence of the Pious and Orthodox Faith Concerning the Sacraments, in Answer to the Calumnies of Joachim Westphal*, *John Calvin's Commentaries*, vol. 2, p. 313.

⁶⁸ John Calvin, *Selected Works of Calvin, Last Admonition of John Calvin to Joachim Westphal*, *John Calvin's Commentaries*, p. 398.

Só podemos nos considerar verdadeiramente unidos a Cristo se estivermos mortos para o nosso pecado e vivos para o cumprimento da vontade de Deus, afinal, “só crescemos verdadeiramente no corpo de Cristo quando sua morte produz em nós seus frutos. Ele deveras nos ensina que esta comunhão em sua morte é o ponto central do batismo”.⁶⁹

A Santa Ceia

Cristo faz uso dos elementos da Santa Ceia para ilustrar que nele, de alguma maneira, entramos em contato com a eternidade:

“nos quais o Senhor nos apresenta a verdadeira, todavia espiritual, comunicação de seu corpo e sangue. Essa comunicação é satisfeita com o vínculo de seu Espírito e não requer a presença da carne encerrada sob o pão ou o sangue sob o vinho... Porque nossa carne já é vivificada pela carne imortal de Cristo e se comunica de alguma forma, com sua imortalidade”.⁷⁰

O sacrifício expiatório de Jesus é rememorado perenemente no coração cristão, pois é a substância mais importante para a manutenção de sua vida espiritual: “assim como o pão nutre, sustenta e preserva a vida do nosso corpo, o corpo de Cristo é o alimento e a preservação da nossa vida espiritual”.⁷¹

⁶⁹ João Calvino, *Romanos*, (6.3), p. 210.

⁷⁰ João Calvino, *Instrução na Fé*, pp. 75-76.

⁷¹ *Ibid.*, p. 76.

Cristo inaugura este mandamento a fim de “abraçarmo-nos mutuamente em uma unidade tal como a que une e liga os membros de um mesmo corpo”.⁷² A Ceia é o momento precioso em que o cristão alimenta-se do pão da vida:

“pois Cristo não só nos oferece o benefício de sua morte e ressurreição, mas o mesmo corpo no qual ele sofreu e ressuscitou. Minha conclusão é que o corpo de Cristo é realmente, para usar a palavra usual, ou seja, verdadeiramente nos é oferecido na Ceia, a fim de ser o alimento gerador de saúde para as nossas almas”.⁷³

Em seus Tratados Calvino, em resposta às calúnias de Joaquim Westphal, afirma que esse alimento nos é dado na Ceia, uma vez que “pela sagrada agência do Espírito Santo, ele [Cristo] instila de sua carne vida para nossas almas”.⁷⁴

Em outras palavras Calvino confessa:

“Considerando a Ceia do Senhor, confesso que é uma evidência de nossa união com Cristo, visto que ele não somente morreu e ressuscitou por nós, mas também verdadeiramente nos sustenta e nos nutre pela sua própria carne e sangue, assim, pois, somos um com ele, e a sua vida é comum com a nossa”.⁷⁵

Finalmente, este ensino apresenta a intensidade da união entre a igreja consigo mesma e com Cristo para que nós aprendamos “não apenas seguir o seu exemplo dando-nos e entregando-nos mutuamente uns aos outros, mas porque ele se faz comum a todos, ele também nos faz um em si mesmo”.⁷⁶ E essa união que

⁷² Ibid., p. 77.

⁷³ João Calvino, *1Coríntios*, (11.24), p. 354.

⁷⁴ John Calvin, *Selected Woks of Calvin, Second Defence of the Pious and Orthodox Faith Concerning the Sacraments, in Answer to the Calumnies of Joachim Westphal, John Calvin's Commentaries*, vol. 2, p. 258.

⁷⁵ John Calvin, *Selected Woks of Calvin, Brief Form of a Confession of Faith*, vol. 2, *John Calvin's Commentaries*, p. 130.

⁷⁶ João Calvino, *Instrução na Fé*, p. 77.

temos com Cristo deve ser estreita e sólida, pois ela, segundo Wendel, é análoga à união de Cristo com o Pai.⁷⁷

Essa união sagrada evidencia-se na vida de cada crente, porque é impossível estar unido a Cristo sem manifestar os frutos da reconciliação.

“Mas quando nós crescemos na sagrada união com Cristo, o fruto e a utilidade dos dons espirituais emergem disto, que seu sangue nos lava, o sacrifício de sua morte nos reconcilia com Deus, sua obediência produz justificação e todos os benefícios com os quais o Pai celestial conferiu em suas mãos”.⁷⁸

Calvino preocupava-se em fazer com que essa união fosse evidenciada, conforme as palavras de Wallace:

“Em sua pregação, freqüentemente se referia à união do crente com Cristo, que se tornava visível na Ceia, no comer do pão e no beber do vinho, exortando as pessoas a aceitarem suas implicações e a permitirem que as conseqüências desse ato fossem reveladas em suas vidas”.⁷⁹

⁷⁷ François Wendel, *Calvin: Origins and Development of His Religious Thought*, p. 239.

⁷⁸ John Calvin, *Selected Woks of Calvin, Second Defence of the Pious and Orthodox Faith Concerning the Sacraments, in Answer to the Calumnies of Joachim Westphal, John Calvin's Commentaries*, vol. 2, p. 272.

⁷⁹ Ronald S. Wallace, *Calvino, Genebra e a Reforma*, p. 36.

5. Esperança na União Mística

A obra consumada de Cristo, até a ascensão, dá-nos descanso e segurança em Deus. “De fato, ele entrou no céu com a nossa natureza humana, como em nosso nome e, dessa forma, nele, já possuímos o céu pela esperança e até mesmo sentamo-nos nos lugares celestiais”.⁸⁰ A realidade da eternidade em nossa experiência terrena é endossada por Wallace nas seguintes palavras:

“Quando temos esse nível de comunhão com ele, por meio do Espírito Santo, explicava Calvino, ele não apenas é trazido para baixo até nós nesta terra, mas nossa alma é também elevada até ele, de modo a podermos participar aqui e agora dessa vida de ascensão e de glória”.⁸¹

Em outro lugar, diz que “Ele pode capacitar-nos, enquanto vivemos uma vida terrena, a gozar também uma vida celestial e enquanto vivemos neste mundo, ao mesmo tempo, também viver no Céu”.⁸² Cristo faz com que os seus compartilhem da mesma glória, conforme Calvino, Cristo

“pode ser glorificado neles; isto é, que ele possa irradiá-los com a sua glória, para que eles sejam participantes dela. ‘Cristo não teria sua glória somente para si mesmo, individualmente; mas deveria ser comum a todos os santos’. Este é o coroamento e a seleta consolação dos piedosos, pois quando o Filho de Deus for manifesto na glória do seu reino, ele os unirá na mesma comunhão consigo próprio”.⁸³

Visto termos tão grande esperança, nossa postura e vida devem se conformar a cada dia mais com a glória de Cristo já na terra, para que ela seja consumada no céu. Nas palavras de Calvino:

⁸⁰ João Calvino, *Instrução na Fé*, p. 50.

⁸¹ Ronald S. Wallace, *Calvino, Genebra e a Reforma*, p. 165. Mais à frente ele afirma que “foi realmente o Deus eterno quem se tornou um conosco em Jesus”, p. 198.

⁸² Ronald S. Wallace, *Calvin’s Doctrine of the Christian Life*, p. 22.

“O que ele [Paulo] adiciona, entretanto, é especialmente merecedor de destaque, que estes que têm avançado na glória de Cristo, em seu retorno, também serão glorificados nele. Por isto, em primeiro lugar, a maravilhosa bondade de Deus, que brilha em sua glória, será distinta em nós que estamos cobertos de ignomínia. Entretanto, este é um milagre duplo, que ele, após nos irradiar com sua glória, nos faria o mesmo em sua volta”.⁸⁴

⁸³ John Calvin, Commentary on the Second Epistle to the Tesslaonians, (1.10), *John Calvin's Commentaries*.

⁸⁴ *Ibid.*, (1.12).

6. A Nova Vida

A ressurreição de Cristo é a segurança do crente. A realidade desse acontecimento marca a convicção de sua plena e total restauração. Cristo ao morrer, matou o nosso velho homem com ele e, ao ressuscitar, dá-nos nova vida. Segundo Calvino:

“Além de referir-se à *ressurreição*, parece achar-se implícita a idéia de que não passaremos pela morte natural à semelhança de Cristo, mas que existe esta similitude entre a nossa morte e a dele - assim como Cristo morreu na carne que recebera em nós, também morreremos em nós mesmos, a fim de que possamos viver nele. Nossa morte, pois, não é a mesma [morte] de Cristo, senão que é semelhante à dele, pois devemos notar a analogia entre a morte nesta presente vida e nossa renovação espiritual”.⁸⁵

O mesmo ensino é dado à frente:

“Sua afirmação de que *morremos para o pecado* em conseqüência do exemplo de Cristo, não significa que nossa morte seja exatamente como a dele, pois morremos para o pecado quando o pecado morre em nós. No caso de Cristo existe uma diferença, pois foi através de sua morte que ele destruiu o pecado. O apóstolo declarou anteriormente que cremos que seremos participantes da vida de Cristo. A palavra *crer* claramente mostra que ele está falando da graça de Cristo”.⁸⁶

Essa comunhão com Cristo nos trouxe a vida, contudo só participamos dela quando passamos pela morte, pois “a única forma de participarmos da vida e glória de Cristo é antes participarmos de sua morte e humilhação”.⁸⁷ O resultado da comunhão com Cristo, portanto, é duplo:

“Há, entretanto, uma dupla participação e comunhão na morte de Cristo. Uma é interna - o que a Escritura chama de *mortificação da carne*, ou a *crucificação do velho homem*, assim Paulo trata no sexto capítulo de Romanos; o outro é externo -

⁸⁵ João Calvino, *Romanos*, (6.5), p. 213.

⁸⁶ *Ibid.*, p. 218.

⁸⁷ João Calvino, *Pastorais*, São Paulo, Paracletos, 1998, (2Tm 2.11), pp. 229-230.

que é chamado de mortificação do homem exterior. É a tolerância da cruz, como ele trata no oitavo capítulo da mesma epístola, e aqui também, se não me engano”.⁸⁸

Calvino sempre trata essa mortificação como sendo um brado de vitória que, inclusive, nos alimenta e nos fortifica para a presente vida:

“Quem poderia fracassar ao ser estimulado por esta exortação de que não devemos desesperar-nos por causa de nossas aflições, visto que teremos um feliz livramento delas? O mesmo pensamento abate e ameniza todas as amarguras geradas pela cruz, visto que nem dores, nem tormentos, nem reprovações, nem morte nos podem apavorar, uma vez que as compartilhamos com Cristo; e, especialmente, porque todas essas coisas são precursoras de nosso triunfo. Portanto, através de seu exemplo pessoal, Paulo injeta ânimo em todos os crentes para que, com o coração iluminado, pudessem suportar as aflições nas quais já tem uma preliberação da glória futura... Onde Cristo se faz presente, também presente está a vida e a bem-aventurança”.⁸⁹

⁸⁸ John Calvin, Commentary on the Epistle to the Phillipians, (3.10), *John Calvin's Commentaries*.

⁸⁹ João Calvino, *Pastorais*, (2Tm 2.11), p. 230.

Conclusão

Por base nessa pesquisa e estruturação, fica-nos claro que Calvino realmente intencionava centralizar a doutrina da união mística no estudo da soteriologia. Não somente em seus conceitos a respeito da Pessoa e da obra de Cristo, mas também no relacionamento com os fiéis, é latente e fundamental o entendimento da união com Cristo.

A união com Cristo é a base para a existência da igreja e o fundamento para a sua santificação. Portanto, é evidente que compreender essa doutrina é indispensável para o entendimento do andamento dos propósitos de Deus na experiência do seu povo. Isso é esclarecido na morte de Cristo. Por meio de sua morte Jesus aniquilou a morte. E é nessa morte que se baseia a nossa *mortificação*. Da mesma forma, a sua ressurreição é o alimento da esperança cristã para a própria ressurreição da igreja.

Através da santificação, a união é solidificada progressivamente, elevando a concepção dos fiéis à esperança da eternidade prometida. Calvino apresenta esta doutrina também como estimuladora para a promessa do reino dos céus, pois aquele que está ligado a Cristo já tem participação das bênçãos celestiais nesta vida presente.